

ISSN 1516-5582

Trigo, 500 anos no Brasil

Gilberto R. Cunha
Organizador

Passo Fundo, RS
1999

Embrapa

Trigo

APRESENTAÇÃO

*O trigo é uma das culturas que gera o maior número de reações emocionais dentre as **commodities** do mundo moderno. Seiscentos milhões de toneladas são consumidas, como alimento básico, por praticamente todos os povos do planeta. Ocupa uma área cultivada de aproximadamente 280 milhões de hectares, principalmente no hemisfério norte do globo terrestre. No Brasil, essa área tem variado entre 3,8 milhões de hectares, em 1987, e irrisório 1,5 milhão, na safra de 1998. Mesmo com essa redução de área superior a 50 %, o trigo representa 3 % de toda a produção nacional de grãos.*

A formulação de uma política que ofereça condições para que o trigo brasileiro se torne mais competitivo tem sido um desafio para os líderes dos diversos segmentos componentes da cadeia produtiva de trigo. A Embrapa Trigo, como um desses segmentos, também busca contribuir nesse cenário, não só desenvolvendo tecnologias que permitam maior segurança na produção, menor custo e melhor qualidade, mas também assessorando o governo na definição de políticas que assegurem a estabilidade da cultura no contexto produtivo.

Este trabalho é mais uma contribuição da Embrapa Trigo no sentido de disponibilizar informações que elevem o nível de conhecimentos generalizados sobre a cultura. Esta publicação, que temos o prazer de disponibilizar no momento em que completamos 25 anos de contribuição ao desenvolvimento de conhecimentos tecnológicos para esse cereal de inverno, apresenta opiniões pessoais de diversas personalidades envolvidas diretamente com a cadeia produtiva de trigo.

*Benami Bacaltchuk
Chefe-Geral da Embrapa Trigo*

SUMÁRIO

Plantando, dá! Gilberto R. Cunha	9
Estratégias para tornar a triticultura mais competitiva no Brasil Benami Bacaltchuk	13
Quem são os culpados pelo ocaso do trigo nacional? Valdir Bisotto	19
Trigo gaúcho: tecnologia e marketing podem assegurar qualidade e mercado Márcio Só e Silva ...	22
Que se deve saber sobre a qualidade de trigo Valdir Bisotto	28
Um pouco de história e de política de trigo Luiz Ataídes Jacobsen	33
A expedição de Martim Affonso Gilberto R. Cunha.....	40
Triticultura gaúcha no Brasil colonial Raphael Copstein	45
Chega de vinho, quero pão Gilberto R. Cunha.....	51
O príncipe e o trigo Gilberto R. Cunha	55
Trigo na América do Sul Gerardo Arias	59
Geneticista Iwar Beckman Leo de Jesus Antunes Del Duca.....	63
A Estação Experimental Fitotécnica de Bagé Leo de Jesus Antunes Del Duca.....	69
Evolução e melhoramento de cultivares de trigo Pedro Luiz Scheeren.....	76
Comissão Sul-Brasileira de Pesquisa de Trigo completa 30 anos João Carlos Soares Moreira	81
Genética e novas biotecnologias no melhoramento de trigo Maria Irene Baggio	90
Cevada no Brasil Gerardo Arias.....	96
Triticale, uma cultura potencial Augusto Carlos Baier.....	101
Plantai capim; importai champanhe e mulheres francesas, disse Chatô Gilberto R. Cunha.....	107

OBSERVAÇÃO

*Os artigos constantes neste documento foram originalmente publicados no suplemento especial **Trigo, 500 anos no Brasil** do Jornal O Nacional, Passo Fundo, RS, veiculado em 19 de junho de 1998.*

Por isso, as citações sobre a próxima safra de trigo, quando presente nos textos, são relativas ao ano de 1998.

PLANTANDO, DÁ!

Gilberto R. Cunha

Pesquisador da Embrapa Trigo, Passo Fundo, RS

Dizem que nesta terra em se plantando tudo dá, inclusive trigo. O acréscimo feito a essa adaptação popular do relato de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal sobre a descoberta das terras brasileiras não é descabido. Afinal, nestes quase 500 anos de Brasil, registros históricos dão conta do cultivo de trigo no país desde os primórdios da colonização.

A cultura de trigo no Brasil provavelmente começou com a colonização portuguesa em São Vicente, litoral de São Paulo, ainda no século XVI. Depois, migrou rumo ao sul, encontrando um ambiente climaticamente mais adequado às suas necessidades.

Apesar dos escritos entusiásticos, relatando as experiências com trigo nas terras de Santa Cruz (Frei Cardim, 1584, Frei Vicente do Salvador, 1627, e Frei Gaspar Madre Deus, 1797, entre outros), a cultura somente adquiriu importância econômica no Brasil colonial em meados do século XVIII. Com a colonização açoriana, o então Rio Grande de São Pedro foi guindado à condição de exportador de trigo. Há notícias indicando a saída de trigo gaúcho para a capital (Rio de Janeiro) e de uma partida para Portugal. Aliás, os dados indicam que a província exportou no passado mais trigo do que produziu. O nome da mágica:

possivelmente, contrabando de trigo vindo das repúblicas do Prata e saindo via porto de Rio Grande (vide artigo do professor Raphael Copstein, página 41).

E veio o século XIX, novos fatos surgiram - abertura dos portos às nações amigas, entrada de farinha de trigo americana no país, epidemias de ferrugens, intensificação do contrabando da região do Prata, falta de pagamento do trigo destinado às tropas imperiais, falta de mão-de-obra, entre outros -, fazendo com que, após a independência, o trigo praticamente desaparecesse do Rio Grande do Sul e, em consequência, do Brasil. Desaparecesse da vida econômica, mas não das lavouras. Em escala reduzida, na área colonial, continuou existindo. Os alemães, que chegaram ao estado em 1824, também cultivaram trigo. Um novo impulso foi dado à triticultura gaúcha com a colonização italiana, em 1875.

O século XX foi marcado pelo “confronto” entre políticas e ações governamentais concretas voltadas ao desenvolvimento da triticultura nacional e a interesses de grupos econômicos preocupados apenas em comprar barato e vender caro (lema mercantilista típico), desconsiderando os prejuízos causados à produção nacional pela internalização de subsídios e pelas vantagens comerciais nos países de origem do produto. Houve sempre a primazia do abastecimento em relação à produção.

Investimentos estatais vultosos foram feitos, visando a dotar o país de uma estrutura competitiva para a produção de trigo. Entre esses, citam-se a contratação de especialistas estrangeiros e a formação de pessoal e de centros de pesquisas específicos para a triticultura, além da